



Apologia de Sócrates

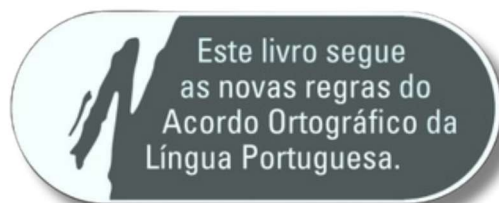
Platão (Autor)

Anderson Abreu (Tradutor)

APOLOGIA DE SÓCRATES

Capa e projeto gráfico
Bruno Silva

Preparação e revisão
Anderson Abreu



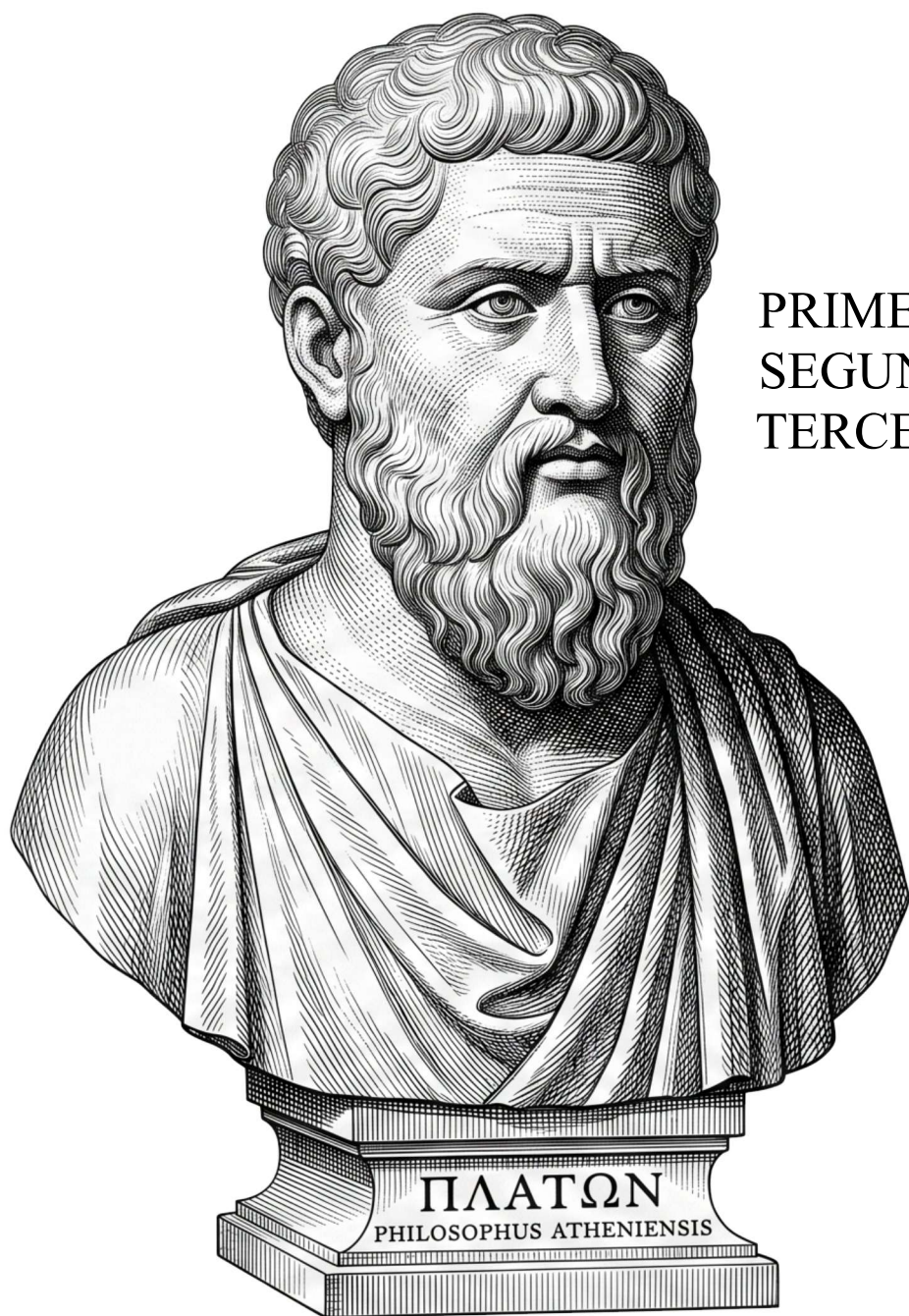
Este material foi enviado e devidamente autorizado pelo responsável legal, autorizando sua disponibilização gratuita e integral por meio da plataforma BaixeLivros.

Caso deseje compartilhá-lo fora deste ambiente, é necessário obter a devida permissão.

Além disso, a licença gratuita concedida para este material poderá ser alterada futuramente a critério do autor.

Reforçamos o compromisso com a ética e a valorização do trabalho dos autores, tradutores e editores, oferecendo acesso responsável à leitura.

Para ler este e outros títulos, acesse: www.baixelivros.com.br



SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE -----	03
SEGUNDA PARTE -----	86
TERCEIRA PARTE -----	97

PRIMEIRA PARTE

A DEFESA DE SÓCRATES

Não sei, homens de Atenas, que impressão meus acusadores causaram em vocês com seus discursos. Quanto a mim, confesso que suas palavras persuasivas quase me fizeram esquecer quem eu sou, tamanho foi o efeito que produziram. E, no entanto, quase nada do que disseram era verdadeiro. Entre tantas falsidades,

porém, houve uma que me deixou especialmente admirado: quando os ouvi advertindo vocês para que ficassem atentos e não se deixassem enganar pela força da minha eloquência.

Eles deveriam ter se envergonhado de dizer isso, pois sabiam que seriam desmascarados assim que eu abrisse a boca e mostrasse minha falta de habilidade retórica. De fato, pareceram bastante descarados ao falar desse modo — a não ser que chamem de eloquência a força da verdade. Nesse caso, admito: sou eloquente. Mas de uma maneira

muito diferente da deles.

Como eu dizia, eles quase nada disseram de verdadeiro. De mim, porém, vocês ouvirão toda a verdade. Não, contudo, apresentada à maneira deles, em um discurso cuidadosamente preparado, enfeitado com palavras e frases escolhidas. De modo algum. Falarei com as palavras e os argumentos que me ocorrerem no momento, pois estou certo de que isso é o mais justo. Na minha idade, homens de Atenas, não seria adequado comparecer diante de vocês como um jovem orador. Que ninguém espere isso de mim.

Peço apenas um favor: se vocês me ouvirem usando em minha defesa as mesmas palavras que costumo usar, e que muitos de vocês já me ouviram dizer na ágora, junto às mesas dos cambistas ou em qualquer outro lugar, não se surpreendam nem me interrompam. Tenho mais de setenta anos, e esta é a primeira vez que compareço a um tribunal. Sou completamente estranho aos costumes deste lugar. Por isso, peço que me tratem como tratariam um estrangeiro que, ao falar em sua língua natal e segundo os costumes de sua terra,

merecesse alguma tolerância. Creio que esse pedido não é injusto.

Não se preocupem tanto com o modo como falarei, seja ele bom ou ruim. Considerem apenas a justiça da minha causa e prestem atenção a isso. Que o juiz julgue com justiça, e que aquele que fala diga a verdade.

Primeiro, devo responder às acusações antigas e aos primeiros acusadores; depois, tratarei das acusações mais recentes. Pois tive muitos acusadores ao longo dos anos, que há muito tempo vêm lançando falsas acusações contra

mim. Deles tenho mais receio do que de Ânito e seus companheiros — embora estes também sejam perigosos à sua maneira.

Muito mais perigosos, porém, são aqueles que começaram a acusar-me quando vocês ainda eram crianças. Eles tomaram conta da mente de vocês com falsidades, falando de um tal Sócrates, homem sábio, que investiga as coisas do céu e da terra, e que faz a causa pior parecer a melhor. São esses os acusadores que mais temo, pois espalharam esse rumor; e aqueles que os ouviram tendem a imaginar que pessoas desse tipo não

acreditam nos deuses.

Eles são muitos, e suas acusações vêm de longa data. Foram feitas quando vocês eram mais impressionáveis — na infância ou talvez na juventude — e o processo, por assim dizer, correu à revelia, pois não havia ninguém para me defender. O mais difícil de tudo é que não sei nem posso dizer seus nomes, exceto talvez o de algum poeta cômico.

Esses caluniadores, movidos por inveja e malícia, influenciaram vocês. Alguns deles, convencidos de suas próprias acusações, convenceram também outros.

Todos esses são os mais difíceis de enfrentar, pois não posso chamá-los aqui, interrogá-los e refutá-los. Sou obrigado, portanto, a combater sombras em minha própria defesa, a questionar quando não há ninguém para responder.

Peço, então, que admitam comigo o seguinte: meus acusadores são de dois tipos. Uns são recentes; outros, antigos. Espero que vocês compreendam a necessidade de eu responder primeiro aos antigos, pois suas acusações chegaram aos ouvidos de vocês muito antes das outras, e com muito mais frequência.

Pois bem. Farei minha defesa e tentarei, no pouco tempo que me foi concedido, desfazer essa má impressão que vocês têm de mim há tanto tempo. Espero conseguir, se isso for bom para vocês e para mim, e se minhas palavras forem bem recebidas. Mas sei que isso não é fácil. Compreendo perfeitamente a dificuldade da tarefa. Que aconteça o que Deus quiser. Em obediência à lei, apresento minha defesa.

Começarei pelo princípio: qual é a acusação que deu origem a essa calúnia contra mim e que levou Meleto a mover este processo? O

que dizem os caluniadores? Que falem como se fossem meus acusadores, e resumirei suas palavras como numa declaração formal:

“Sócrates é um homem perverso e curioso, que investiga as coisas debaixo da terra e no céu; faz a causa pior parecer a melhor e ensina essas doutrinas aos outros.”

Essa é a natureza da acusação. É isso também que vocês viram na comédia de Aristófanes, que apresentou um homem chamado Sócrates andando por aí, dizendo que podia caminhar pelo ar e falando muitas bobagens sobre

assuntos dos quais eu não pretendo saber nem muito nem pouco.

Não digo isso para desprezar aqueles que estudam a natureza. Longe de mim. Eu ficaria muito descontente se Meleto pudesse me acusar disso. Mas a verdade simples, homens de Atenas, é que não tenho nada a ver com esses estudos. Muitos dos presentes podem testemunhar isso, e a eles recorro. Falem, então, vocês que já me ouviram: digam aos seus vizinhos se algum de vocês alguma vez me ouviu discorrer, pouco ou muito, sobre esse tipo de assunto. Vocês estão ouvindo a resposta

deles. E, a partir disso, poderão julgar também a verdade das demais acusações.

Também não tem fundamento a afirmação de que sou professor e recebo dinheiro por ensinar. Isso não é mais verdadeiro do que a outra acusação. Embora eu honre aquele que, sendo capaz de ensinar, recebe pagamento por isso. Há Górgias de Leontinos, Pródico de Ceos e Hípias de Élis, que percorrem as cidades e conseguem persuadir os jovens a deixarem seus próprios concidadãos, de quem poderiam aprender gratuitamente, para

procurá-los — e não apenas pagam por isso, como ainda se mostram agradecidos por poderem pagar.

Há, inclusive, um filósofo de Paros morando em Atenas, de quem ouvi falar. Soube dele da seguinte maneira: encontrei um homem que gastou grande quantidade de dinheiro com os sofistas, Cálias, filho de Hipônico. Sabendo que ele tinha filhos, perguntei:

— Cálias, se seus dois filhos fossem potros ou bezeros, não seria difícil encontrar alguém para cuidar deles. Contrataríamos um treinador de cavalos ou um

agricultor, que os tornaria melhores e mais perfeitos na virtude própria de sua natureza. Mas, sendo eles seres humanos, quem você pretende colocar sobre eles? Existe alguém que compreenda a virtude humana e política? Você certamente já pensou nisso, pois tem filhos. Existe alguém?

— Existe — respondeu ele.

— Quem é? — perguntei. — De onde vem? E quanto cobra?

— Eveno de Paros — respondeu. — Ele é o homem. Cobra cinco minas.

Feliz Eveno, pensei comigo, se

realmente possuí essa sabedoria e a ensina por preço tão modesto. Se eu a possuísse, teria muito orgulho e vaidade. Mas a verdade é que não tenho esse tipo de conhecimento.

Talvez algum de vocês me diga:

— Mas, Sócrates, de onde vieram então essas acusações contra você? Alguma coisa estranha você deve ter feito. Toda essa fama e toda essa conversa a seu respeito não teriam surgido se você fosse como os outros homens. Diga-nos, então, qual é a causa disso, para que não julguemos você precipitadamente.

Considero essa pergunta justa, e tentarei explicar a origem desse nome de “sábio” e dessa má reputação. Peço que prestem atenção. E, embora alguns de vocês possam pensar que estou brincando, declaro que direi toda a verdade.

Homens de Atenas, essa reputação me veio por causa de certa sabedoria que possuo. Que tipo de sabedoria? Uma sabedoria humana, ao alcance do homem. Nesse sentido, talvez eu seja sábio. Já os homens de quem falei há pouco parecem possuir uma sabedoria sobre-humana, que eu

não saberia descrever, pois não a tenho. Quem diz que a possuo está mentindo e difamando meu nome.

E aqui, homens de Atenas, peço que não me interrompam, mesmo que eu pareça dizer algo extraordinário. Pois a palavra que citarei não é minha. Apresentarei uma testemunha digna de crédito, que falará sobre minha sabedoria — se a tenho e de que tipo ela é. Essa testemunha é o deus de Delfos.

Vocês certamente conheceram Querefonte. Ele foi meu amigo desde jovem e também amigo de vocês, pois participou do exílio do

povo e retornou com vocês. Querefonte, como sabem, era impetuoso em tudo que fazia. Certa vez, foi a Delfos e ousou perguntar ao oráculo se havia alguém mais sábio do que eu. Peço novamente que não me interrompam. A sacerdotisa Pítia respondeu que não havia homem mais sábio.

O próprio Querefonte já morreu, mas seu irmão, que está aqui no tribunal, poderá confirmar a verdade dessa história.

Por que menciono isso? Porque quero explicar a vocês a origem da minha má reputação. Quando ouvi

a resposta do oráculo, perguntei a mim mesmo: “O que quer dizer o deus? Qual é o sentido desse enigma? Pois sei que não sou sábio, nem muito nem pouco. O que ele quer dizer ao afirmar que sou o mais sábio dos homens?” E, no entanto, ele é deus e não pode mentir, pois isso seria contrário à sua natureza.

Depois de muito refletir, encontrei um meio de investigar a questão. Pensei que, se encontrasse alguém mais sábio do que eu, poderia ir ao deus com uma refutação nas mãos e dizer: “Aqui está um homem mais sábio do que

eu; mas tu disseste que eu era o mais sábio.”

Fui, então, a um homem que tinha fama de sábio. Não preciso mencionar seu nome. Era um político que escolhi para examinar. O resultado foi este: ao conversar com ele, percebi que ele não era realmente sábio, embora muitos o julgassem sábio e, sobretudo, ele próprio se julgasse assim. Tentei explicar-lhe que ele se considerava sábio sem sê-lo de fato. Como consequência, ele passou a me odiar, e vários dos presentes que me ouviram também.

Afastei-me dele dizendo a mim

mesmo: “Embora nenhum de nós saiba realmente algo belo e bom, estou em melhor situação do que ele. Pois ele nada sabe e pensa que sabe. Eu, se não sei, também não penso saber.” Nesse ponto, portanto, parecia-me ter uma pequena vantagem sobre ele.

Depois fui a outro, com pretensões ainda maiores de sabedoria, e cheguei exatamente à mesma conclusão. Com isso, fiz dele outro inimigo — e também de muitos outros.

Depois disso, continuei indo de um homem a outro, ciente da inimizade que despertava. Eu

lamentava e temia isso, mas a necessidade se impunha: a palavra do deus, pensava eu, devia vir em primeiro lugar. Por isso dizia a mim mesmo: “É preciso ir a todos os que parecem saber, para descobrir o sentido do oráculo.”

E juro a vocês, homens de Atenas — pelo cão, juro! — pois devo dizer a verdade: o resultado da minha investigação foi este. Descobri que os homens de maior reputação eram quase sempre os mais desprovidos de sabedoria, enquanto alguns homens de menor prestígio eram, de fato, mais sábios e melhores.

Contarei a vocês a história das minhas andanças e dos trabalhos quase hercúleos que suportei, apenas para descobrir, ao fim, que o oráculo era irrefutável.

Depois dos políticos, fui aos poetas: trágicos, ditirâmbicos e de todos os tipos. Ali, pensei comigo: “Agora você será desmascarado; agora descobrirá que é mais ignorante do que eles.” Tomei, então, algumas das passagens mais elaboradas de suas obras e perguntei-lhes o significado, esperando aprender algo com eles.

Vocês acreditariam em mim? Tenho quase vergonha de dizer,

mas preciso dizê-lo: dificilmente havia entre os presentes alguém que não falasse melhor sobre aqueles poemas do que os próprios poetas. Percebi, então, que os poetas não compõem seus poemas por sabedoria, mas por certa disposição natural e inspiração. São como adivinhos e profetas, que dizem muitas coisas belas sem compreender o sentido do que dizem.

Pareceu-me que os poetas estavam nessa mesma condição. Além disso, observei que, por causa de sua poesia, julgavam-se os mais sábios dos homens

também em outros assuntos nos quais não eram sábios. Assim, afastei-me deles, considerando-me superior pela mesma razão pela qual me julgara superior aos políticos.

Por fim, fui aos artesãos. Eu sabia, por assim dizer, que nada sabia, e tinha certeza de que eles sabiam muitas coisas belas. Nisso não me enganei: eles realmente conheciam muitas coisas que eu ignorava e, nesse sentido, eram mais sábios do que eu.

Mas percebi que até os bons artesãos caíam no mesmo erro dos poetas: por exercerem bem seu

ofício, pensavam também entender dos assuntos mais elevados. Esse defeito obscurecia sua sabedoria. Então perguntei a mim mesmo, em nome do oráculo, se preferiria ser como eu era — sem possuir nem o conhecimento deles nem a ignorância deles — ou ser como eles, tendo ambos. Respondi a mim mesmo e ao oráculo que era melhor permanecer como eu era.

Essa investigação me trouxe muitos inimigos, do pior e mais perigoso tipo, e deu origem a muitas calúnias. Por isso sou chamado de sábio. Meus ouvintes sempre imaginam que eu mesmo

posso a sabedoria cuja ausência descubro nos outros. Mas a verdade, homens de Atenas, é que somente Deus é sábio. Nesse oráculo, ele quer dizer que a sabedoria humana vale pouco ou nada. Ele não fala propriamente de Sócrates; apenas usa meu nome como exemplo, como se dissesse: “Entre os homens, o mais sábio é aquele que, como Sócrates, sabe que sua sabedoria, na verdade, nada vale.”

Por isso sigo meu caminho, obediente ao deus, investigando a sabedoria de qualquer pessoa — cidadão ou estrangeiro — que

pareça sábia. E, se descubro que não é sábia, mostro-lhe que não o é, em defesa do oráculo. Essa ocupação me absorve inteiramente. Não tenho tempo para me dedicar aos assuntos públicos nem aos meus próprios interesses. Vivo em extrema pobreza por causa desse serviço prestado ao deus.

Há ainda outra coisa. Jovens das classes mais ricas, que não têm muito o que fazer, aproximam-se de mim espontaneamente. Gostam de ouvir o exame daqueles que fingem saber. Muitas vezes me imitam e passam eles mesmos a examinar outras pessoas. Logo

descobrem que há muitos que pensam saber alguma coisa, mas na verdade sabem pouco ou nada.

Então, aqueles que são examinados por eles, em vez de se irritarem consigo mesmos, irritam-se comigo. Dizem: “Esse Sócrates maldito! Esse corruptor perverso da juventude!” E, se alguém pergunta: “Mas que mal ele pratica ou ensina?”, não sabem responder. Para não parecerem sem resposta, repetem as acusações prontas, usadas contra todos os filósofos: que ensinam coisas sobre o céu e debaixo da terra, que não acreditam nos deuses e que fazem

a causa pior parecer a melhor.

Eles não querem confessar a verdade: que sua pretensão de conhecimento foi desmascarada. E, como são numerosos, ambiciosos, enérgicos e falam de modo persuasivo, encheram os ouvidos de vocês com calúnias antigas e ruidosas.

Essa é a razão pela qual meus três acusadores — Meleto, Ânito e Lícon — se lançaram contra mim. Meleto, em nome dos poetas; Ânito, em nome dos artesãos; Lícon, em nome dos oradores. Como disse no início, não posso esperar desfazer de uma só vez

toda essa massa de calúnias.

Esta, homens de Atenas, é a verdade, toda a verdade. Nada escondi, nada dissimulei. Sei, porém, que essa franqueza me torna odioso para eles. Mas o que é esse ódio, senão prova de que digo a verdade? Essa é a origem e a razão da calúnia contra mim, como vocês descobrirão agora ou em qualquer investigação futura.

Já disse o bastante em minha defesa contra a primeira classe de acusadores. Volto-me agora para a segunda, encabeçada por Meleto, esse homem bom e patriótico, como ele próprio se chama.

Tentarei defender-me também contra eles.

Esses novos acusadores também devem ter sua acusação lida. O que dizem? Algo assim: “Sócrates é culpado de corromper a juventude, não acredita nos deuses reconhecidos pela cidade e introduz novas divindades.”

Essa é a acusação. Examinemos agora cada ponto. Ele diz que sou culpado de corromper os jovens. Mas eu digo, homens de Atenas, que Meleto é o verdadeiro culpado: culpado de tratar com levandade um assunto sério, levando homens a julgamento por

um zelo fingido em relação a questões pelas quais jamais teve o menor interesse. Tentarei demonstrar isso.

Venha cá, Meleto, e responda: você se preocupa muito com a melhoria dos jovens?

— Sim, preocupo-me.

Então diga aos juízes: quem os torna melhores? Você deve saber, já que se deu ao trabalho de descobrir quem os corrompe e veio aqui me acusar. Fale, então. Diga aos juízes quem os torna melhores.

Veja, Meleto, você permanece calado e nada tem a dizer. Isso não é vergonhoso? Não é uma prova

considerável do que eu dizia, isto é, de que você não tem real interesse no assunto? Fale, amigo. Diga-nos quem torna os jovens melhores.

— As leis.

Mas não foi isso que perguntei, meu caro. Quero saber quem é a pessoa que conhece as leis.

— Os juízes, Sócrates, que estão aqui presentes.

Você quer dizer, Meleto, que eles são capazes de instruir e melhorar os jovens?

— Certamente.

Todos eles? Ou apenas alguns?

— Todos.

Por Hera, que boa notícia! Temos, então, muitos melhoradores. E quanto aos presentes na audiência? Eles também melhoram os jovens?

— Sim.

E os senadores?

— Também.

Mas talvez os membros da assembleia corrompam os jovens? Ou também os melhoram?

— Também os melhoram.

Então todos os atenienses tornam os jovens melhores, exceto eu; e somente eu os corrompo. É

isso que você afirma?

— É exatamente isso que afirmo.

Sou muito infeliz, se isso for verdade. Mas responda-me: o mesmo acontece com os cavalos? Um só homem lhes faz mal, enquanto todos os demais lhes fazem bem? Ou não ocorre justamente o contrário? Um homem, ou pelo menos poucos, são capazes de melhorá-los — o treinador de cavalos, por exemplo —, enquanto a maioria, ao lidar com eles, tende antes a prejudicá-los. Não é assim, Meleto, com os cavalos e com todos os outros

animais?

Sim, certamente é assim, quer você e Ânito admitam ou não. Feliz seria a juventude se tivesse apenas um corruptor e todos os demais fossem seus benfeitores. Mas você, Meleto, já demonstrou suficientemente que jamais se preocupou com os jovens. Sua negligência aparece justamente no fato de não se importar com os temas mencionados na própria acusação que apresentou.

Agora, Meleto, responda-me outra coisa: é melhor viver entre bons cidadãos ou entre maus? Responda, amigo. Esta é uma

pergunta fácil. Os bons não fazem bem aos que convivem com eles, e os maus não lhes fazem mal?

— Certamente.

Existe alguém que prefira ser prejudicado a ser beneficiado por aqueles com quem convive? Responda, meu caro, pois a lei exige que você responda. Alguém gosta de ser prejudicado?

— Certamente não.

Quando você me acusa de corromper e tornar piores os jovens, afirma que faço isso voluntária ou involuntariamente?

— Voluntariamente, digo eu.

Mas você acabou de admitir que os bons fazem bem aos que convivem com eles, e os maus lhes fazem mal. Será que sua grande sabedoria descobriu isso tão cedo na vida, enquanto eu, na minha idade, permaneço tão ignorante a ponto de não saber que, se corrompo alguém com quem convivo, provavelmente serei prejudicado por ele? E mesmo assim eu o corromperia voluntariamente? Isso é o que você afirma. Mas disso você jamais convencerá a mim nem a qualquer outro homem.

Ou eu não corrompo os jovens,

ou, se os corrompo, faço-o involuntariamente. Em ambos os casos, você mente. Se minha falta é involuntária, a lei não trata faltas involuntárias dessa maneira. Você deveria ter me chamado em particular, advertido e instruído. Pois, se eu fosse melhor orientado, deixaria de fazer aquilo que fazia sem querer — certamente deixaria. Mas você evitou conversar comigo ou me ensinar. Preferiu me arrastar a este tribunal, que não é lugar de instrução, mas de punição.

Já demonstrei, homens de Atenas, que Meleto não se preocupa nem muito nem pouco

com o assunto. Ainda assim, gostaria de saber, Meleto, de que modo você afirma que corrompo os jovens. Pelo que entendo da acusação, você diz que os ensino a não reconhecer os deuses que a cidade reconhece, mas outras divindades novas em lugar deles. São esses ensinamentos que, segundo você, corrompem a juventude.

— Sim, é exatamente isso que afirmo.

Então, pelos próprios deuses de que estamos falando, Meleto, explique a mim e ao tribunal de modo mais claro o que você quer

dizer. Ainda não compreendo se você afirma que eu ensino os outros a reconhecer certos deuses — e, nesse caso, acredito em deuses e não sou ateu —, apenas não nos mesmos deuses que a cidade reconhece; ou se você quer dizer que sou simplesmente ateu e ensino o ateísmo.

— Quero dizer isso: você é completamente ateu.

Que afirmação extraordinária, Meleto! Por que diz isso? Você quer dizer que não acredito na divindade do sol e da lua, crença comum a todos os homens?

— Asseguro aos juízes que ele

não acredita. Ele diz que o sol é pedra e que a lua é terra.

Meu caro Meleto, você pensa estar acusando Anaxágoras. E tem péssima opinião dos juízes, se imagina que eles são tão ignorantes a ponto de não saber que essas doutrinas estão nos livros de Anaxágoras de Clazômenas. Seriam essas as doutrinas que os jovens aprendem com Sócrates? Doutrinas que podem ser ouvidas frequentemente no teatro, pagando-se no máximo uma dracma? Eles poderiam comprá-las por pouco e depois rir de Sócrates, caso ele pretendesse

atribuir a si mesmo ideias tão estranhas.

Então, Meleto, você realmente pensa que eu não acredito em nenhum deus?

— Por Zeus, juro que você não acredita em absolutamente nenhum.

Você mente, Meleto, e nem você mesmo acredita no que diz. Parece-me, homens de Atenas, que Meleto é insolente e imprudente, e que escreveu essa acusação movido apenas por leviandade e arrogância juvenil. Ele compôs uma espécie de enigma para me pôr à prova. Disse consigo mesmo:

“Vejam os se esse sábio Sócrates perceberá minha contradição engenhosa, ou se conseguirei enganá-lo e também aos demais.”

Pois ele se contradiz na acusação, como se dissesse que Sócrates é culpado de não acreditar nos deuses e, ao mesmo tempo, de acreditar neles. Isso só pode ser brincadeira.

Peço a vocês, homens de Atenas, que me acompanhem no exame dessa inconsistência. E você, Meleto, responda. Lembros, porém, que não devem me interromper se eu falar do meu modo habitual.

Existe alguém, Meleto, que acredite em coisas humanas, mas não em seres humanos? Gostaria, homens de Atenas, que ele respondesse, em vez de tentar sempre interromper. Existe alguém que acredite na equitação, mas não nos cavalos? Ou na música de flauta, mas não nos flautistas?

Não, meu amigo. Responderei por você e pelo tribunal, já que você se recusa a responder. Não existe tal homem. Agora responda à pergunta seguinte: alguém pode acreditar em coisas espirituais e divinas, mas não em espíritos ou seres divinos?

— Não pode.

Fico satisfeito por ter arrancado essa resposta, com a ajuda do tribunal. No entanto, você afirma sob juramento, em sua acusação, que eu ensino e acredito em entidades divinas ou espirituais — novas ou antigas, pouco importa. De qualquer modo, acredita-se que eu creia nessas entidades, como você mesmo afirma. Mas, se acredito em seres divinos, necessariamente acredito em espíritos ou semideuses. Não é verdade? Sim, é verdade; posso tomar seu silêncio como assentimento.

Agora, o que são espíritos ou semideuses? Não são deuses ou filhos dos deuses? Isso é verdade?

— Sim, é verdade.

Mas esse é justamente o enigma engenhoso de que eu falava. Os semideuses ou espíritos são de natureza divina. Você primeiro diz que eu não acredito em deuses; depois, diz que acredito em seres divinos. Ora, se acredito em semideuses, acredito em deuses. Pois se os semideuses são filhos dos deuses, ainda que ilegítimos, nascidos de ninfas ou de outras mães, como se costuma dizer, isso necessariamente implica a

existência de seus pais.

Seria o mesmo que afirmar a existência de mulas e negar a existência de cavalos e jumentos. Tal absurdo, Meleto, só pode ter sido colocado na acusação para me testar. Você o incluiu porque não tinha nada real de que me acusar. Mas ninguém com o menor discernimento será convencido de que o mesmo homem pode acreditar em coisas divinas e sobre-humanas, e ainda assim não acreditar que existam deuses, semideuses e heróis.

Já disse o bastante em resposta à acusação de Meleto. Uma defesa

mais elaborada é desnecessária. Mas, como afirmei antes, tenho muitos inimigos, e isso será minha ruína, se eu for destruído. Tenho certeza disso. Não será Meleto, nem Ânito, mas a inveja e a calúnia do mundo — que já causaram a morte de muitos homens bons e provavelmente causarão a de muitos outros. Não há perigo de que eu seja o último.

Alguém dirá:

— Sócrates, você não se envergonha de levar uma vida que pode conduzi-lo a uma morte prematura?

A essa pessoa eu responderia

justamente:

— Você está enganado. Um homem que vale alguma coisa não deve calcular suas chances de viver ou morrer. Deve considerar apenas se, ao agir, faz o que é justo ou injusto, se age como homem bom ou como homem mau.

Segundo sua opinião, então, os heróis que morreram em Troia pouco valeriam, especialmente o filho de Tétis, que desprezou completamente o perigo quando comparado à desonra. Quando sua mãe, deusa, lhe disse que, se vingasse seu companheiro Pátroclo e matasse Heitor, também morreria

— “teu destino”, disse ela, “virá logo depois do de Heitor” —, ele, ao ouvir isso, desprezou o perigo e a morte. Temia mais viver desonrado, sem vingar o amigo.

“Que eu morra logo depois”, respondeu, “e vingue-me de meu inimigo, em vez de permanecer aqui junto às naus recurvas, objeto de desprezo e peso inútil sobre a terra.”

Achilles pensou na morte e no perigo? Não. Pois onde quer que esteja o posto de um homem — seja aquele que escolheu, seja aquele em que foi colocado por seu comandante —, ali ele deve

permanecer diante do perigo. Não deve pensar na morte nem em qualquer outra coisa, mas apenas na desonra. E isso, homens de Atenas, é uma verdade.

Estranho seria meu comportamento, homens de Atenas, se eu, quando fui ordenado pelos generais que vocês escolheram para comandar-me em Potideia, Anfípolis e Délio, permaneci onde me colocaram, como qualquer outro homem, enfrentando a morte; mas agora, quando, segundo creio e entendo, Deus me ordena cumprir a missão filosófica de examinar a mim

mesmo e aos outros homens, eu abandonasse meu posto por medo da morte ou de qualquer outra coisa.

Isso, sim, seria estranho. Eu poderia então ser justamente levado a julgamento por negar a existência dos deuses, se desobedecesse ao oráculo por medo da morte. Nesse caso, eu estaria imaginando ser sábio quando não sou.

Pois o medo da morte é, na verdade, uma falsa sabedoria, não sabedoria verdadeira. É a pretensão de conhecer aquilo que não se conhece. Ninguém sabe se a

morte, que todos temem como o maior dos males, talvez não seja o maior dos bens. Não há nisso uma presunção de conhecimento, que é uma forma vergonhosa de ignorância?

É nesse ponto que talvez eu me diferencie da maioria dos homens. Se em alguma coisa posso me considerar mais sábio, é nisto: embora eu pouco saiba sobre o mundo dos mortos, também não suponho saber. Mas sei que cometer injustiça e desobedecer a alguém melhor que nós, seja Deus ou homem, é mau e desonroso. Por isso jamais temerei nem evitarei

aquilo que pode ser um bem em vez de evitar aquilo que sei com certeza ser um mal.

Assim, se vocês me absolvessem agora, rejeitando o conselho de Ânito — que disse que, se eu não fosse condenado à morte, nem deveria ter sido acusado, pois, se escapasse, todos os seus filhos seriam completamente arruinados ao ouvir minhas palavras —, e se me dissessem:

“Sócrates, desta vez não daremos ouvidos a Ânito. Nós o absolveremos, mas com uma condição: que você não continue investigando e filosofando desse

modo. Se for apanhado novamente fazendo isso, morrerá.”

Se me soltassem sob essa condição, eu responderia:

“Homens de Atenas, eu os honro e amo. Mas obedecerei a Deus antes de obedecer a vocês. Enquanto tiver vida e forças, jamais deixarei de praticar e ensinar a filosofia, exortando qualquer um que eu encontre, como costumo fazer, e dizendo: ‘Meu amigo, você, cidadão da grande, poderosa e sábia cidade de Atenas, não se envergonha de se preocupar tanto em acumular dinheiro, honra e reputação, e tão

pouco com a sabedoria, a verdade e o aperfeiçoamento da alma?””

E, se aquele com quem converso disser: “Mas eu me preocupo”, não o deixarei partir imediatamente. Eu o interrogarei, examinarei e porei à prova. Se eu perceber que não possui virtude, mas apenas diz possuí-la, repreendê-lo-ei por dar pouco valor ao que é mais importante e muito valor ao que é menos importante.

Isso direi a todos os que encontrar, jovens e velhos, cidadãos e estrangeiros — especialmente aos cidadãos, pois são meus irmãos. Esta é a ordem

de Deus, quero que saibam. E acredito que até hoje nenhum bem maior aconteceu à cidade do que meu serviço ao deus.

Pois nada faço senão andar por aí persuadindo todos vocês, jovens e velhos, a não se preocuparem primeiro com o corpo nem com as riquezas, mas antes e sobretudo com o aperfeiçoamento da alma. Digo-lhes que a virtude não vem do dinheiro; ao contrário, da virtude vêm o dinheiro e todos os outros bens humanos, tanto públicos quanto privados.

Esse é meu ensinamento. E, se é isso que corrompe a juventude,

então minha influência é de fato ruínosa. Mas, se alguém disser que ensino outra coisa, estará mentindo.

Portanto, homens de Atenas, façam ou não façam o que Ânito pede; absolvam-me ou não. Mas saibam que jamais mudarei minha conduta, ainda que tenha de morrer muitas vezes.

Homens de Atenas, não me interrompam. Ouçam-me. Combinamos que vocês me ouviriam até o fim. E creio que o que direi agora lhes fará bem. Ainda tenho algo a dizer que talvez provoque gritos de vocês,

mas peço que não o façam.

Quero que saibam: se matarem alguém como eu, prejudicarão mais a si mesmos do que a mim. Meleto e Ânito não podem me prejudicar. Não podem, porque não é da natureza das coisas que um homem mau prejudique alguém melhor do que ele. Não nego que possam matar-me, exilar-me ou privar-me dos direitos civis. Talvez eles, e outros, imaginem que isso seja um grande mal. Mas não concordo. O mal de fazer o que Ânito está fazendo — tirar injustamente a vida de outro homem — é muito maior.

Agora, atenienses, não argumento em meu favor, como vocês talvez pensem, mas em favor de vocês, para que não pequem contra Deus e não rejeitem levianamente o dom que ele lhes concedeu ao me condenarem.

Pois, se me matarem, não encontrarão facilmente outro como eu. Posso usar uma imagem ridícula: sou como um moscardo dado por Deus à cidade. A cidade é como um cavalo grande e nobre, mas lento por causa de seu próprio tamanho, precisando ser despertado. Eu sou esse moscardo que Deus deu à cidade. Durante

todo o dia, em todos os lugares, agarro-me a vocês, despertando-os, persuadindo-os e repreendendo-os.

Como não encontrarão facilmente outro igual, aconselho-os a poupar-me. Talvez vocês se irriteem por serem despertados de repente quando estavam cochilando. Talvez pensem que, se me matassem, como aconselha Ânito, poderiam dormir tranquilamente pelo resto da vida — a menos que Deus, cuidando de vocês, lhes envie outro moscardo.

E que fui dado a vocês por Deus prova-se por isto: se eu fosse como os outros homens, não teria

negligenciado todos os meus próprios interesses durante tantos anos, suportando essa negligência enquanto me ocupava dos interesses de vocês. Fui a cada um em particular, como um pai ou irmão mais velho, exortando-os a cuidar da virtude. Isso não é comportamento humano comum.

Se eu tivesse obtido algum lucro com isso, ou se minhas exortações fossem pagas, haveria alguma explicação. Mas vocês percebem que nem mesmo a impudência dos meus acusadores ousa dizer que alguma vez exigi ou procurei pagamento de alguém. Eles não

têm testemunha disso. E eu tenho uma testemunha suficiente da verdade do que digo: minha pobreza.

Alguém pode se perguntar por que ando em particular, aconselhando e ocupando-me dos assuntos dos outros, mas não ousa apresentar-me em público para aconselhar a cidade. Direi a razão.

Vocês muitas vezes me ouviram falar de um oráculo ou sinal que me vem, aquilo que Meleto ridiculariza na acusação. Tenho esse sinal desde criança. É uma voz que me vem e sempre me impede de fazer algo que estou

prestes a fazer, mas nunca me ordena fazer coisa alguma. É isso que me afasta da política.

E, a meu ver, com razão. Pois estou certo, homens de Atenas, de que, se eu tivesse me dedicado à política, teria morrido há muito tempo e não teria feito bem algum nem a vocês nem a mim mesmo.

Não se ofendam por eu dizer a verdade. A verdade é que nenhum homem que se oponha honestamente a vocês ou a qualquer multidão, lutando contra injustiças e ilegalidades no Estado, conservará a vida. Quem realmente quiser lutar pelo que é justo, se

deseja viver ainda que por pouco tempo, deve atuar na vida privada, não na pública.

Posso apresentar provas disso — não apenas palavras, mas fatos, que vocês valorizam mais do que palavras. Contarei um episódio da minha vida que demonstrará que jamais cederia à injustiça por medo da morte, e que, se não tivesse cedido, poderia ter morrido imediatamente.

Talvez a história seja simples e comum, mas é verdadeira. O único cargo público que exerci, homens de Atenas, foi o de membro do Conselho. Minha tribo,

Antióquida, presidia o julgamento dos generais que não recolheram os corpos dos mortos após a batalha das Arginusas. Vocês queriam julgá-los todos juntos, o que era ilegal, como depois todos reconheceram. Naquele momento, fui o único dos prítanes que se opôs à ilegalidade e votei contra vocês.

Quando os oradores ameaçaram me acusar, prender e levar embora, enquanto vocês gritavam e clamavam, decidi correr o risco, tendo a lei e a justiça comigo, em vez de participar da injustiça por medo da prisão ou da morte.

Isso aconteceu durante a democracia. Mas, quando a oligarquia dos Trinta tomou o poder, mandaram chamar a mim e a outros quatro à rotunda e ordenaram que trouxéssemos Leão de Salamina, pois queriam executá-lo. Esse era o tipo de ordem que costumavam dar, com o objetivo de envolver o maior número possível de pessoas em seus crimes.

Então demonstrei, não com palavras, mas com atos, que — se me permitem a expressão — eu não dava a menor importância à morte. Meu único temor era

cometer uma ação injusta ou ímpia. O poder opressor daqueles homens não me intimidou a ponto de me fazer praticar o mal. Quando saímos da rotunda, os outros quatro foram a Salamina buscar Leão; eu fui tranquilamente para casa.

Por isso eu poderia ter perdido a vida, se o poder dos Trinta não tivesse acabado pouco depois. Muitos poderão testemunhar isso.

Vocês realmente imaginam que eu teria sobrevivido todos esses anos se tivesse levado vida pública, sempre defendendo o justo como um homem de bem e

colocando a justiça, como devo, em primeiro lugar? Certamente não, homens de Atenas. Nem eu nem qualquer outro.

Mas sempre fui o mesmo em todas as minhas ações, públicas e privadas. Jamais cedi de maneira vil àqueles que são caluniosamente chamados de meus discípulos, nem a qualquer outra pessoa. Na verdade, não tenho discípulos regulares. Se alguém deseja vir me ouvir enquanto cumpro minha missão, jovem ou velho, pode vir livremente.

Não converso apenas com os que pagam, excluindo os que não

pagam. Qualquer pessoa, rica ou pobre, pode me perguntar, responder e ouvir minhas palavras. Se depois se torna homem bom ou mau, isso não pode ser justamente atribuído a mim, pois jamais ensinei coisa alguma a ninguém. Se alguém disser que aprendeu ou ouviu de mim, em particular, algo que todos os demais não tenham ouvido, saibam que está mentindo.

Mas talvez me perguntem: por que, então, as pessoas gostam tanto de conversar continuamente com você? Já lhes disse toda a verdade: elas gostam de ouvir o exame daqueles que fingem ser sábios.

Isso as diverte.

E essa é uma missão que Deus me impôs, segundo estou convencido por oráculos, sonhos e por todos os modos pelos quais a vontade divina já se manifestou a alguém. Isso é verdade, atenienses. Se não fosse, seria facilmente refutado.

Pois, se estou realmente corrompendo os jovens, e se já corrompi alguns deles, aqueles que cresceram e perceberam que lhes dei maus conselhos em sua juventude deveriam vir aqui como acusadores e se vingar. Se não quisessem vir pessoalmente, algum

parente — pais, irmãos ou outros familiares — deveria dizer que mal suas famílias sofreram por minha causa.

Agora seria o momento. Vejo muitos deles aqui no tribunal. Está Críton, da mesma idade e do mesmo demo que eu; e vejo também seu filho Critóbulo. Está Lisânias de Esfeto, pai de Ésquines; está Antifonte de Cefísia, pai de Epígenes. Há também irmãos de vários que conviveram comigo: Nicóstrato, filho de Teosdótides, irmão de Teódoto — embora o próprio Teódoto já tenha morrido, e por

isso não poderá impedi-lo; está Páralo, filho de Demódoco, que tinha um irmão chamado Teages; está Adimanto, filho de Aristão, cujo irmão Platão está presente; e está também Eantodoro, irmão de Apolodoro, que também vejo aqui.

Eu poderia mencionar muitos outros, qualquer um dos quais Meleto deveria ter apresentado como testemunha durante seu discurso. Que ele os apresente agora, se esqueceu. Cederei lugar a ele. Que diga, se possui algum testemunho desse tipo.

Mas não, atenienses. A verdade é exatamente o contrário. Todos

esses estão dispostos a testemunhar em favor do corruptor, do destruidor de seus parentes, como Meleto e Ânito me chamam. Não apenas os jovens supostamente corrompidos — que talvez tivessem algum motivo para me defender —, mas também seus parentes mais velhos, que não foram corrompidos.

Por que também eles me apoiariam com seu testemunho? Por nenhuma outra razão senão a verdade e a justiça. Eles sabem que digo a verdade e que Meleto mente.

Pois bem, atenienses. Isso, e

outras coisas semelhantes, é quase toda a defesa que tenho a oferecer. Mas ainda direi algo mais.

Talvez haja entre vocês alguém ofendido comigo ao lembrar que ele próprio, em ocasião semelhante ou até menos grave, recorreu a súplicas e lágrimas, trazendo seus filhos ao tribunal para comover os juízes, acompanhados de numerosos parentes e amigos. Eu, porém, embora esteja provavelmente em risco de vida, não farei nada disso.

Talvez alguém pense nisso, irrite-se comigo e vote com raiva por estar descontente. Se houver

tal pessoa entre vocês — e não afirmo que haja —, eu poderia responder-lhe justamente:

Meu amigo, sou homem como os demais, criatura de carne e sangue, não de madeira ou pedra, como diz Homero. Tenho família, sim, e filhos: três, homens de Atenas; um já crescido, dois ainda pequenos. Mesmo assim, não os trarei aqui para suplicar por minha absolvição.

E por que não? Não por arrogância nem por desprezo a vocês. Se tenho medo da morte ou não, é outra questão, da qual não falarei agora. A razão é simples:

considero tal conduta desonrosa para mim, para vocês e para toda a cidade.

Um homem da minha idade, que tem fama de sabedoria — merecida ou não —, não deve rebaixar-se desse modo. De qualquer forma, o mundo decidiu que Sócrates é, de algum modo, superior aos outros homens. E, se aqueles entre vocês que são considerados superiores em sabedoria, coragem ou qualquer outra virtude se comportam assim, que vergonha é essa conduta!

Já vi homens de reputação, ao serem condenados, comportarem-

se da maneira mais estranha. Pareciam imaginar que sofreriam algo terrível se morressem, e que poderiam tornar-se imortais se vocês apenas lhes permitissem viver. Creio que tais homens desonram a cidade. Qualquer estrangeiro que aqui chegasse diria que os homens mais eminentes de Atenas, aqueles a quem os próprios atenienses concedem honras e cargos, não são melhores do que mulheres.

Digo que tais coisas não devem ser feitas por aqueles que têm reputação. E, se forem feitas, vocês não deveriam permiti-las.

Pelo contrário, deveriam mostrar-se mais inclinados a condenar não o homem que se mantém tranquilo, mas aquele que encena uma cena lamentável e torna a cidade ridícula.

Mas, deixando de lado a desonra, parece-me errado suplicar a um juiz e assim obter absolvição, em vez de instruí-lo e convencê-lo. O dever do juiz não é conceder justiça como favor, mas julgar. Ele jurou julgar segundo as leis, não segundo sua vontade pessoal. Nem ele nem nós devemos adquirir o hábito de cometer perjúrio. Nada há de piedoso nisso.

Não exijam, portanto, que eu faça aquilo que considero desonroso, ímpio e errado — especialmente agora, quando sou acusado de impiedade por Meleto. Pois, se pela força da persuasão e das súplicas eu os levasse a violar seus juramentos, estaria ensinando vocês a não acreditar nos deuses e, em minha própria defesa, condenaria a mim mesmo como alguém que não crê neles.

Mas não é assim. Eu acredito nos deuses, e em sentido muito mais elevado do que qualquer um de meus acusadores. Entrego, portanto, minha causa a vocês e a

Deus, para que seja decidida da maneira que for melhor para vocês e para mim.

SEGUNDA PARTE

O JÚRI DECLARA SÓCRATES CULPADO

Há muitas razões pelas quais não me entristeço, homens de Atenas, com o voto de condenação. Eu o esperava. Surpreende-me apenas que os votos tenham ficado tão próximos. Imaginei que a maioria contra mim seria muito maior. Agora, se apenas trinta votos tivessem

mudado de lado, eu teria sido absolvido.

Posso dizer que escapei de Meleto. E digo mais: sem a ajuda de Ânito e Lícon, ele não teria obtido sequer a quinta parte dos votos exigida pela lei; nesse caso, teria sido multado em mil dracmas, como é evidente.

Ele propõe, então, a morte como pena. E o que devo propor de minha parte, homens de Atenas? Evidentemente, aquilo que mereço. E o que devo pagar ou receber? O que se deve fazer com um homem que jamais teve a sensatez de permanecer ocioso durante toda a

vida, mas desprezou aquilo com que a maioria se preocupa — riqueza, interesses familiares, cargos militares, discursos na assembleia, magistraturas, conspirações e partidos?

Percebendo que eu era honesto demais para seguir esse caminho e continuar vivo, não fui para onde não poderia fazer bem nem a vocês nem a mim. Fui, ao contrário, para onde poderia fazer o maior bem a cada um de vocês em particular. Procurei persuadir cada homem entre vocês de que deveria cuidar de si mesmo, buscando virtude e sabedoria antes de seus interesses

particulares; e cuidar da cidade antes dos interesses da cidade, observando essa ordem em todas as suas ações.

O que se deve fazer com tal homem? Sem dúvida, algo bom, homens de Atenas, se ele deve receber o que merece. E esse bem deve ser adequado a ele.

Que recompensa seria adequada a um homem pobre, benfeitor de vocês, que necessita de tempo livre para instruí-los? Não há recompensa mais apropriada do que ser mantido no Pritaneu, homens de Atenas. Ele merece isso muito mais do que o cidadão que

vence em Olímpia uma corrida de cavalos ou de carros, puxados por dois ou muitos cavalos.

Pois eu estou em necessidade, e ele tem o suficiente. Ele apenas lhes dá a aparência de felicidade; eu lhes dou a realidade. Portanto, se devo estimar a pena com justiça, digo que a manutenção no Pritaneu é o justo retorno.

Talvez vocês pensem que falo isso por desafio, como quando falei das lágrimas e súplicas. Mas não é esse o caso. Falo assim porque estou convencido de que jamais prejudiquei alguém voluntariamente, embora não

consiga convencê-los disso — pois tivemos apenas uma breve conversa. Se houvesse em Atenas uma lei, como há em outras cidades, determinando que um processo capital não fosse decidido em um único dia, acredito que eu os teria convencido. Mas agora o tempo é curto demais.

Não posso, em instantes, refutar grandes calúnias. E, como estou convencido de que jamais fiz mal a outro homem, certamente não farei mal a mim mesmo. Não direi de mim que mereço algum mal nem proporei pena alguma.

Por que eu faria isso? Por medo

da morte que Meleto propõe? Se não sei se a morte é um bem ou um mal, por que eu proporia uma pena que sei certamente ser um mal?

Devo propor prisão? E por que eu deveria viver na prisão, escravo dos magistrados do ano, os Onze? Ou devo propor multa, com prisão até que ela seja paga? A objeção é a mesma. Eu ficaria preso, pois não tenho dinheiro e não posso pagar.

E se eu propuser o exílio — talvez a pena que vocês fixariam —, teria de estar completamente cego pelo apego à vida para acreditar que, se vocês, meus

próprios concidadãos, não suportaram minhas conversas e palavras, achando-as tão pesadas e odiosas a ponto de querer se livrar delas, outros as suportariam. Não, homens de Atenas, isso não é provável.

E que vida eu levaria, na minha idade, vagando de cidade em cidade, vivendo em exílio permanente e sendo expulso de todos os lugares? Tenho certeza de que, em qualquer cidade a que eu vá, os jovens virão ouvir-me, como fazem aqui. Se eu os afastar, seus mais velhos me expulsarão por causa deles. Se eu permitir que

venham, seus pais e amigos me expulsarão por causa deles.

Alguém dirá:

— Mas, Sócrates, você não poderia se calar? Assim poderia ir para uma cidade estrangeira e ninguém o incomodaria.

Tenho grande dificuldade em fazê-los compreender minha resposta. Se eu disser que isso seria desobedecer a uma ordem divina, e que por isso não posso me calar, vocês não acreditarão que falo sério. E, se eu disser que o maior bem do homem é conversar diariamente sobre a virtude e sobre todas as coisas que vocês me

ouvem examinar em mim mesmo e nos outros, e que uma vida sem exame não merece ser vivida, vocês acreditarão ainda menos.

E, no entanto, o que digo é verdade, embora eu saiba que é difícil persuadi-los disso.

Além disso, não estou acostumado a pensar que mereço punição. Se tivesse dinheiro, poderia propor uma multa equivalente ao que possuísse, sem grande prejuízo. Mas vocês veem que nada tenho. Só posso pedir que a multa seja proporcional aos meus recursos.

Creio, porém, que poderia pagar

uma mina. Portanto, proponho essa pena. Mas Platão, Críton, Critóbulo e Apolodoro, meus amigos aqui presentes, pedem que eu proponha trinta minas, e eles serão fiadores. Pois bem: proponho trinta minas. Essa será a pena, e eles serão garantia suficiente para vocês.

TERCEIRA PARTE

O JÚRI CONDENA SÓCRATES À MORTE

Pouco tempo vocês ganharão, atenienses, em troca da má reputação que receberão dos detratores da cidade, que dirão que vocês mataram Sócrates, um homem sábio. Pois me chamarão de sábio, ainda que eu não seja,

quando quiserem censurá-los.

Se tivessem esperado um pouco, seu desejo se realizaria naturalmente. Estou avançado em idade, como podem ver, e não distante da morte. Falo agora apenas aos que me condenaram à morte.

Tenho ainda outra coisa a lhes dizer. Vocês pensam que fui condenado por falta de palavras, isto é, porque eu não quis fazer tudo nem dizer tudo que poderia me absolver. Não foi assim. A deficiência que levou à minha condenação não foi de palavras — certamente não. Faltaram-me, isto

sim, audácia, impudência e disposição para falar a vocês como gostariam que eu falasse: chorando, lamentando, gemendo, dizendo e fazendo muitas coisas que estão acostumados a ouvir dos outros, mas que, como digo, são indignas de mim.

Pensei que não devia fazer nada comum ou vil diante do perigo. E agora não me arrependo do modo como me defendi. Prefiro morrer tendo falado à minha maneira do que viver falando à maneira de vocês.

Pois nem na guerra nem no tribunal deve um homem recorrer a

todos os meios para escapar da morte. Em batalha, muitas vezes é claro que alguém poderia escapar se jogasse fora as armas e caísse de joelhos diante dos perseguidores. Em outros perigos, também há muitos modos de escapar da morte, desde que se esteja disposto a dizer e fazer qualquer coisa.

A dificuldade, meus amigos, não está em evitar a morte, mas em evitar a injustiça. Ela corre mais depressa do que a morte. Eu sou velho e lento; por isso o corredor mais lento me alcançou. Meus acusadores são ágeis e rápidos; por isso o corredor mais rápido, a

injustiça, os alcançou.

Agora parto daqui condenado por vocês à pena de morte. Eles, porém, partem condenados pela verdade à pena da perversidade e da injustiça. Eu aceito minha sentença; que eles aceitem a deles. Talvez tudo isso estivesse destinado. E creio que está bem assim.

Agora, homens que me condenaram, quero profetizar-lhes algo. Pois estou prestes a morrer, e é nesse momento que os homens recebem o dom da profecia.

Profetizo a vocês, meus assassinos, que imediatamente

após minha morte virá sobre vocês um castigo muito mais pesado do que aquele que me impuseram. Vocês me mataram porque queriam fugir de seu acusador, para não prestar contas de suas vidas. Mas não será como pensam. Pelo contrário.

Haverá mais acusadores contra vocês do que há agora — acusadores que até aqui eu continha. Como serão mais jovens, serão mais severos, e vocês se irritarão ainda mais com eles.

Se pensam que, matando homens, evitarão que alguém censure suas vidas, estão

enganados. Esse não é um modo de escapar — nem possível, nem honroso. O caminho mais fácil e mais nobre não é calar os outros, mas melhorar a si mesmos. Esta é a profecia que faço, antes de partir, aos juízes que me condenaram.

A vocês, amigos que me teriam absolvido, também quero falar sobre o que aconteceu, enquanto os magistrados estão ocupados e antes que eu vá ao lugar onde devo morrer. Permaneçam comigo por mais um pouco. Podemos conversar enquanto há tempo.

Vocês são meus amigos, e quero mostrar-lhes o sentido do que me

aconteceu. Ó meus juízes — pois a
vocês posso chamar
verdadeiramente de juízes —,
quero contar-lhes uma coisa
admirável.

Até hoje, o sinal familiar que
existe em mim sempre se opôs a
mim, mesmo em coisas pequenas,
quando eu estava prestes a cometer
algum erro. Agora, porém, como
vocês veem, aconteceu-me aquilo
que se considera, e geralmente se
acredita ser, o último e pior dos
males. Mas o sinal divino não se
opôs a mim: nem quando saí de
casa pela manhã, nem quando vim
ao tribunal, nem durante meu

discurso, em coisa alguma que eu estivesse prestes a dizer.

Muitas vezes, antes, ele me interrompeu no meio de uma fala. Agora, porém, em nada do que fiz ou disse a respeito deste caso ele se opôs a mim.

Que explicação dou a isso? Direi a vocês. Considero isso uma prova de que o que me aconteceu é um bem, e de que estão enganados aqueles entre nós que pensam que a morte é um mal. Esta é, para mim, uma grande prova. Pois o sinal costumeiro certamente teria se oposto se eu estivesse indo ao encontro de um mal, e não de um

bem.

Pensemos de outro modo, e veremos que há grande razão para esperar que a morte seja um bem. Uma de duas coisas é verdadeira: ou a morte é um estado de nada, de completa inconsciência, ou, como dizem os homens, é uma mudança, uma migração da alma deste mundo para outro.

Se não há consciência alguma, mas um sono semelhante ao daquele que dorme sem ser perturbado nem mesmo por sonhos, então a morte é um ganho indescritível. Pois, se alguém escolhesse a noite em que dormiu

sem sequer sonhar e a comparasse com todos os outros dias e noites de sua vida, perguntando-se quantos dias e noites viveu melhor e mais agradavelmente do que aquela noite, creio que qualquer pessoa — não digo apenas um homem comum, mas até o grande rei — encontraria poucos dias ou noites assim.

Se a morte é isso, digo que morrer é ganho. Pois toda a eternidade seria apenas uma única noite.

Mas, se a morte é uma viagem para outro lugar, e se lá estão, como dizem, todos os mortos, que

bem maior poderia haver, meus amigos e juízes? Se, ao chegar ao mundo dos mortos, o viajante se livra dos que aqui se dizem juízes e encontra os verdadeiros juízes que, segundo se diz, julgam lá — Minos, Radamanto, Éaco, Triptólemo e outros filhos de Deus que foram justos em vida —, essa viagem valerá a pena.

Que não daria alguém para conversar com Orfeu, Museu, Hesíodo e Homero? Se isso for verdade, que eu morra muitas vezes.

Também eu teria grande prazer em um lugar onde pudesse

conversar com Palamedes, Ájax, filho de Télamon, e outros heróis antigos que sofreram a morte por julgamento injusto. Haveria, creio, não pequeno prazer em comparar meus sofrimentos com os deles.

Acima de tudo, eu poderia continuar minha busca pelo verdadeiro e pelo falso conhecimento, como neste mundo, também naquele. Poderia descobrir quem é sábio e quem apenas finge ser sábio, sem o ser.

Que não daria um homem, ó juízes, para examinar o chefe da grande expedição contra Troia, ou Odisseu, ou Sísifo, ou inúmeros

outros, homens e mulheres? Que prazer infinito haveria em conversar com eles e fazer-lhes perguntas! Pois naquele mundo certamente não condenam um homem à morte por isso. Além de serem mais felizes lá do que aqui, serão imortais, se o que se diz é verdade.

Portanto, juízes, tenham bom ânimo diante da morte e saibam isto como verdade: nenhum mal pode acontecer a um homem bom, nem em vida nem depois da morte. Ele e os seus não são abandonados pelos deuses. Também meu fim próximo não aconteceu por acaso.

Vejo claramente que morrer e ser libertado era melhor para mim; por isso o sinal não se opôs. Por essa razão, também, não estou irritado com meus acusadores nem com aqueles que me condenaram. Eles não me fizeram mal, embora não tivessem intenção de me fazer bem. Por isso posso censurá-los com brandura.

Ainda assim, tenho um pedido a lhes fazer. Quando meus filhos crescerem, peço a vocês, meus amigos, que os castiguem. Incomodem-nos, como eu incomodei vocês, se parecerem preocupar-se mais com riquezas ou

com qualquer outra coisa do que com a virtude. E, se fingirem ser algo quando na verdade nada são, repreendam-nos como eu os repreendi, por não cuidarem daquilo de que deveriam cuidar e por pensarem ser alguma coisa quando nada são.

Se fizerem isso, eu e meus filhos teremos recebido justiça de suas mãos.

Chegou a hora da partida. Vamos por caminhos diferentes: eu, para morrer; vocês, para viver. Qual dos dois é melhor, somente Deus sabe.

Os melhores livros

Recomendados



Avaliação 8/10



Avaliação 7/10



Avaliação 8/10



Avaliação 9/10



Avaliação 8/10



Avaliação 7.5/10

Escolha a sua próxima leitura!